

TFG

EXTRA GG

MERCADO POPULAR E METRÔ URUGUAIANA

O CAOS E A CONGESTÃO URBANA COMO FORÇAS MOTRIZES DE UM PROJETO DE ARQUITETURA DE ESCALA METROPOLITANA.

2021

ALUNO:
PAULO SOARES

ORIENTADOR :
ANDRÉS PASSARO

BANCA:
ANA SLADE,
PAOLO COLOSSO
PEDRO VARELLA

FACULDADE DE ARQUITETURA E
URBANISMO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
DE JANEIRO



caderno de inquietações

FAU
UFRRJ

TEÓRICAS

*"Rio 40 graus
Cidade maravilha
Purgatório da beleza
E do caos".*
Fausto Fawcett

Agradecimentos

Agradeço,

Primeiramente aos meus pais, Aline e Paulo, pessoas humildes e resilientes que me inspiram com força e coragem nas batalhas da vida. E me deram toda estrutura afetiva e o suporte educacional possíveis, fatores que fizeram toda a diferença na vida de um jovem periférico, para que eu trilhasse os meus caminhos.

Às minhas avós, dona Maria José e dona Francisca, pelo amor, força e carinho, pelos doces de buriti. Pelas histórias do cangaço e do sertão.

À minha família

Aos meus amigos, da academia e principalmente *da quebrada, o corre é loco*

À Ynaê Bomfim, pelo amor, companheirismo intelectual e por tudo.

Aos meus mestres da FAU UFRJ e ETSAB UPC, que me instigaram, provocaram e emocionaram com aulas e ensinamentos que levarei por toda a vida.

Aos professores do cursinho popular Carlos Prestes - Carapicuíba - SP por levarem educação de qualidade à periferia.

Ao orientador, professor e arquiteto Andrés Passaro, pelas provocações, indagações, orientações e conselhos, não somente nesta etapa, mas durante toda a graduação. Que, juntamente com o professor Paulo Jardim, ***in memoriam***, fizeram da disciplina de Projeto de Arquitetura I uma experiência que viria marcar a minha graduação.

Agradeço aos componentes da banca pelo engajamento, inspiração e crítica.

Sumário

Introdução	7
Breve elogio ao caos	9
Problemática	13
Justificativa	16
Objetivos	17
Metodologia	18
A questão	20
A Condição Metropolitana - MPU um Mercado popular sob o metrô	20
A lente - Recorte teórico e temporal da mirada	23
Congestão Urbana -Nova interpretação ao caos	23
Recorte temporal	24
Projeto arquitetônico de provocação	29
O Projeto de arquitetura	39
O quê? Arquitetura que transpõe o limite do edificado e busca dissolver-se na paisagem metropolitana	39
Como? Mat-Building como ferramenta de operar no caos e na complexidade	40
Por quê? - A Uruguaiana: Um ninho de vespas e um ímã de pessoas	42

Resumo:

Este presente trabalho escrito visa, juntamente com o caderno de desenhos, responder às questões especificadas ao TFG da FAU UFRJ, sobre pertinência do tema, fundamentação teórica e possíveis metodologias.

Sobre o tema, com recorte de abordagem situado na região metropolitana central do Rio de Janeiro entre o eixo econômico da Av. Presidente Vargas e paralelo à Avenida Rio Branco. O trabalho final de graduação II, projetual e teórico, que pretende desenvolver o projeto arquitetônico do Mercado Popular da Uruguaiana, cujo objetivo é a afirmação da Arquitetura no fazer cidade mesmo nas escalas de projeto metropolitanas (**LASSANCE; VARELLA; CAPILLÉ 2012**). Além do projeto, busca-se o desenvolvimento de uma literatura que reflita sobre teorias da cultura urbana a partir da ótica da congestão e da aproximação do campo da arquitetura da cidade real. Almeja-se causar reflexões, não somente a partir da literatura desenvolvida, mas também do desenho como ferramenta de fomento de produção da cultura arquitetônica.

Partindo de tal desenho, é afirmado a arquitetura como suporte às atividades ordinárias, populares, do trabalho formal e principalmente informal na cidade, tirando proveito do caos (1) (**KOOLHAAS, REM 1992**) e das congestões (2) (**KOOLHAAS, REM 1972**) como fenômenos de interesses na cultura urbana. Advoga-se pelo retorno dos holofotes da arquitetura ao cotidiano e corriqueiro como maneira de aproximar o campo da arquitetura à cidade real e aos territórios populares, negligenciados porém amplamente democráticos, como é o caso do camelódromo da Uruguaiana.

Para tais ponderações teóricas e projetuais, são utilizados perspectivas de autores que refletiram sobre a cultura arquitetônica e urbana na ótica da reaproximação das dinâmicas ordinárias e corriqueiras das cidades e paisagens reais. Precisamente a produção crítica que se inicia no movimento moderno tardio e se consolida no pós-moderno das décadas 70.

Palavras chaves: Congestão urbana - Caos - Complexidade- Mat-building

Resume:

Proyecto final de grado I, con su carácter proyectual y teórico, ubicado en la región central de Río de Janeiro, entre el eje económico de Presidente Vargas y paralelo a la Avenida Río Branco. El proyecto arquitectónico del Mercado Popular de Uruguaiana, cuyo objetivo es la afirmación de la Arquitectura en hacer la ciudad incluso a la escala del diseño metropolitano. O sea la gran escala, y reafirmar la arquitectura en apoyo del trabajo ordinario, popular, formal y principalmente informal en la ciudad, aprovechando el caos (1) (KOOLHAAS, Rem 1992) y las congestiones (2) (KOOLHAAS, Rem 1972) como fenómenos de interés en la cultura urbana. Con eso, se teoriza a partir de los dibujos de proyecto y la literatura aquí desarrollados sobre el papel de la arquitectura en territorios ordinarios hasta ahora olvidados.

Para tales consideraciones teóricas y de proyecto, se utilizan autores que reflexionaron sobre la cultura arquitectónica y urbana desde la perspectiva del acercamiento de las dinámicas ordinarias y cotidianas de ciudades y paisajes reales.

1 Rem Koolhaas Apud Zaera, 1991: pág. 17 e 22

2 KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

keywords: *Urban congestion - Chaos - Mat-building*

Introdução

O caos urbano é um fenômeno recorrentemente debatido nos âmbitos da cultura urbana e arquitetônica, em específico no campo de projeto, e predominantemente tratado como uma patologia nas cidades. Os exemplos de práticas projetuais pejorativas ao caos e as paisagens ordinárias nas cidades são múltiplos, se trata de uma prática institucionalizada, de precarização e marginalização dos territórios ordinários, muitas vezes territórios de grande importância na dinâmica da vida urbana, como o caso da região do MPU (Mercado popular da Uruguaiana) e Saara RJ.

Este trabalho busca por meio do projeto e teoria debater, refletir acerca da aproximação do campo da arquitetura a essas paisagens e territórios, neste caso específico a que o MPU está inserido, conformado por conjunto de instalações que ocupam quatro quadras na região do centro do Rio e como peculiaridade de estar sobre a estação do metrô Uruguaiana e ser em sua maioria do tempo pulsante, um ímã de pessoas que o caracteriza pela congestão urbana. Esse território é de extrema complexidade e subjetividade, ao mesmo tempo que regado de infraestruturas de grande relevância para a cidade, (que o caracteriza como metropolitano) , entretanto que apresenta sinais de negligenciamento por parte do poder público para com a condição espacial a que os trabalhadores do complexo estão submetidos.

Entendo que tal aproximação pode ser uma possibilidade de ampliação de alcance do campo e uma possibilidade de diminuir o abismo entre a proporção das paisagens das quais contam com o suporte do projeto de arquitetura como

estruturador, e as paisagens onde a prática do projeto de arquitetura está distanciada e com alto teor de incredibilidade

Aqui nos restringimos alinhamentos teóricos de vertentes que repensaram os limites do projeto de arquitetura, visando ampliá-los, dado uma lacuna gerada pela crise do projeto urbano (VILLAÇA, Flávio) e a descrença no objeto isolado produzido pela abstração moderna. Foi estudado arquitetos que colocaram no projeto de arquitetura a pretensão de abrigar a cidade em si, partindo da ideia de que fazer arquitetura é intrinsecamente fazer cidade e paisagem.

Breve elogio ao caos

Estamos diante de um dos paradigmas que compõem a nova agenda do campo da arquitetura, a condição metropolitana das cidades, suas paisagens de caos urbano e a congestão das grandes metrópoles. Uma série de clássicos da literatura da metade do séc. XX até os nossos dias nos alertaram para a riqueza dos fenômenos que tais paisagens e territórios poderiam proporcionar ao projeto de arquitetura. Proponho um exercício mental de fechar os olhos e imaginar numa metrópole do século XXI, em uma região de centralidade econômica e cultural, é possível que acessamos a memória de um local onde a quantidade inumerável de pessoas circulando, podendo nos remeter aos barulhos dos carros, buzinas, vendedores, bares, o entrar e sair de pessoas dos metros e edifícios que conformam uma sinfonia da metrópole do nosso tempo. Nossa metrópole imaginária, pode ser Nova Iorque, Lima, ou o Rio de Janeiro, porém pode se afirmar que se trata de um meio urbano que, em sua condição metropolitana, apresenta-se como principal aspecto a heterogeneidade e subjetividade. Dessas condições metropolitanas destaco o Caos e a Congestão Urbana como elementos a se considerarem no ato de projetar. Neste trabalho como estudo de caso e desafio projetual o Mercado Popular da Uruguaiana sob o metro Uruguaiana.

Vale destacar ao leitor que esse trabalho teórico projetual se alinha ao campo da crítica, a partir do momento que se entende que nas metrópoles, nesse caso de estudo específico, a do Rio de Janeiro, há paisagens de extrema relevância e dinâmica social que são negligenciadas pelo poder público por se tratar de territórios populares, que mesclam trabalhos formais e de diferentes níveis de informalidade.

A importância de tal aproximação do campo às paisagens ordinárias populares se passa por uma agenda de demanda contemporânea do projeto de arquitetura, que se afasta das abstrações modernas e da monotonia funcionalista para alertar a necessidade do retorno à cidade e suas paisagens cotidianas como principal fonte de inspiração e questão do nosso tempo. Portanto, desenvolvo em teoria e buscarei em projeto uma aproximação das paisagens ordinárias, em especial o estudo de caso do qual será desdobrado sobre o mercado popular.

Mercado Popular: uma nova reinterpretação do caos e da congestão

O campo da arquitetura carrega consigo a ideia de ordem e controle dos aspectos que aqui atribuímos como situações de caos, ou de acaso, seja alguma intempérie, topografia ou desordem urbana. A ideia de uma ferramenta reguladora **(CORBUSIER, LE, 1924)** é aplicada por diversas vertentes do pensamento arquitetônico. Trabalharemos a inversão destes valores de ação do campo, tais quais, caos e congestão, não como algo a ser resolvido pela eliminação ou controle, mas sim potencializado, revelando seu valor às cidades. A reafirmação do mercado popular da Uruguaiana, desta vez com a arquitetura como suporte e agente estimulador das dinâmicas já existentes.

(CORBUSIER, Le, 1924 Precisoões - cosac & naify)

O caos como aspecto pejorativo é combatido neste trabalho, advoga-se pela necessidade de compreensão e absorção de suas potencialidades e diversidades de situações de fervor e agitações urbanas. Buscando aprendizado com arquiteturas que

passam despercebido aos cânones das escolas de arquitetura, como feiras populares, camelódromos, comércios nômades. Este projeto visa tirar proveito do caos, não dominá-lo. Além de olhar as complexidades da vida urbana carioca e refletir tais fenômenos em um desenho de arquitetura provocativo e contrário à uma ordem purista, arbitrária e reguladora.

(1) - Não podemos aspirar o caos, podemos apenas ser instrumento dele. Ele está literalmente fora de nosso alcance, como um pote de ouro que retrocede quando você está prestes a alcançá-lo. A única relação que os arquitetos podem manter com o caos é tomar seu lugar no exército dos indivíduos determinados a evitá-lo, e falhar. O caos só se produz no erro por acidente.

1. KOOLHAAS, Rem em entrevista a ZAERA-POLO, Alejandro. *Arquitetura em diálogo: Alejandro Zaera-Polo. São Paulo: Cosac Naify, 2015. page.43*

Nota: Vale salientar, que nem sempre o caos foi visto com maus olhos pela humanidade, em períodos pré-filosóficos se acreditava que o caos era o estado primordial que antecedeu a criação do universo. 1 (definição dicionário Michaelis). Algumas vertentes filosóficas reinterpretem o caos como elemento essencial para a criação do mundo. (Nota de rodapé: vertentes ou autores)



(Fig.1) Acessado em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudoid=7007089>

Problemática

O mercado popular da Uruguaiana é de extrema importância para a economia local do qual está inserido. Em suas qualidades pode se destacar a multiplicidade de oferta de serviços e produtos, além de ser um grande atrativo de fluxos urbanos, constantemente cheio e pulsante. Porém as problemáticas identificadas vão desde a precariedade dos espaços de comércio à falta de infraestrutura aos trabalhadores e consumidores, além de uma ilegibilidade das saídas do metrô, que neste caso é um importante condensador de fluxos e imã de congestão. Já do ponto de vista do conforto ambiental, o mercado está em condições de precariedade, as coberturas de material metálico com o pé direito abaixo transformam os corredores dos boxes numa grande estufa com o sol escaldante.

Para entender as problemáticas e o processo de ocupação do espaço do qual está inserido, se faz necessário resgatar sua origem morfológica. O mercado provém de um fragmento de vazios urbanos (BORDE ANDREA 2006). Na conformação das cidades e do processo de urbanização nas perspectivas espaciais modernas, pode-se dizer que, com relação às considerações de tecidos existentes e suas dinâmicas sociais, foram desastrosos. Tais processos geraram fragmentos e rupturas bruscas nas transições entre tecidos urbanos. Cabendo ao mat-building (SMITHSON Alison) operar como conciliador de tempos. Alguns exemplos na cidade do Rio de Janeiro dessa prática descontínua e de tabula rasa urbana, de desconsideração dos tecidos existentes, são os planos Pereira Passos, Agache, além das passagens das linhas do

metrô que desconsideram a necessidade do projeto intra-espço metrô-térreo, gerando fragmentos urbanos desconexos e conflitantes, causando grandes discrepâncias espaciais.

Dado o diagnóstico dos territórios fragmentados que este projeto permeia, vale destacar que tem-se um reiterado processo de disputa pelos espaços urbanos e de seus usos, culminando em transformações e fragmentações projetadas ou não. Neste sentido, observa-se a ausência da arquitetura nas atividades informais e ordinárias da cidade, como um camelódromo⁽¹⁾ (**CARNEIRO BARBOSA, Ana 2007**) ou mercado popular. E ausência de projetos de arquitetura nas grandes escalas metropolitanas essenciais para a vida urbana.

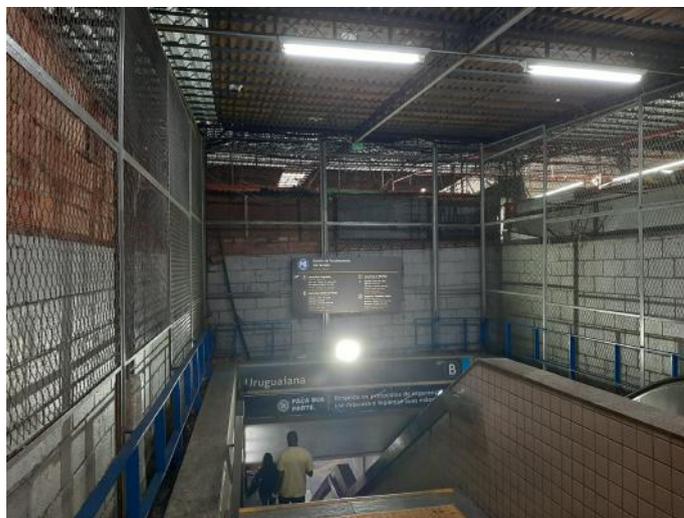
“Este camelódromo foi inaugurado no ano de 1994, pelo prefeito César Maia no bairro Centro da Cidade (margeando as Ruas Presidente Vargas [1], Uruguaiana[2], Senhor dos Passos[3], Alfândega[4], R.Ortigão[5], com grande alvoroço e esperança nessa nova alternativa para o desemprego e para a desorganização dos logradouros públicos. A sua área é remanescente de terrenos desapropriados para a construção da estação Uruguaiana do Metrô Rio, onde uma parte havia sido concedida pela prefeitura para a Light (companhia de energia) para ser usada como estacionamento. Entretanto este local apresentava a tendência de ser ocupado por ambulantes devido ao intenso fluxo de pedestres. Com o aumento da visibilidade sobre as questões sociais como desemprego e pobreza, o local foi pensado para concentrar os trabalhadores ambulantes e camelôs que se encaixavam no perfil determinado pela prefeitura do Rio de Janeiro.”

(1)**CARNEIRO BARBOSA, Ana Clara**. Considerações Iniciais Sobre a Informalidade no Rio De Janeiro: O Camelódromo da Rua Uruguaiana

(2) PPA Proyecto Progreso Arquitectura - **Gran Escala** vol. 10 - Universidad de Sevilla 2014



Acessado em: Caderno de Projeto Metrô Rio - 2013



fotografias em visita- Setembro 2020

Justificativa

Fatos que serão acrescidos neste capítulo em desenvolvimento.:

1 incêndio 2016

fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/incendio-destroi-boxes-no-camelodromo-da-uruguaiana-17748964>,

2 especulação, os dois projetos arquitetônicos das últimas prefeituras do Rio para o MPU que tem caráter higienista e anti caos

Estamos diante de um dos territórios mais complexos e ricos na dinâmica sócio-espacial da cidade do Rio de Janeiro. O mercado popular da Uruguaiana situado em cima do metrô Uruguaiana linha 1 e 2, popularmente conhecido como camelódromo (**CANELLA LÍDIA** 2010), compõe um conjunto comercial, juntamente com o Saara, como um dos mais importantes da cidade. Constantemente cheio, a região é um ímã (**LEFEBVRE**, 2008) de pessoas e mercadorias, ponto de concentração de intensos fluxos urbanos, exemplo de congestão.

“O Camelódromo oferece um comércio tão distinto quanto o que podemos encontrar nas demais áreas do Centro, no entanto com uma extensão física bastante reduzida, fator que não diminui a riqueza e diversidade das mercadorias comercializadas. À medida que o Mercado acolhe tal distinção, podemos afirmar que seus frequentadores estão inseridos em diferentes ordens, ou seja, o MPU é um espaço demasiadamente heterogêneo, desde a sua estrutura aos atores que dão vida àquele espaço. Identificado por um interlocutor como “o m² mais caro do Centro do Rio”, o Camelódromo corta e é cortado por importantes ruas e avenidas que constituem o centro do Rio de Janeiro”

CANELLA LÍDIA. Camelô no Camelódromo não fica na pista: uma etnografia acerca da construção e desconstrução de regras no Mercado Popular da Uruguaiana - RJ 2010

Objetivos

Reabrir o debate da escala na Arquitetura e seus limites, reafirmar a disciplina no fazer cidade. A escala GG é traduzida e resgatada da interpretação do projeto de arquitetura provindo na obra S,M,L,XL (**KOOLHAAS, Rem 1992**). A grande escala, é um convite ao atravessamento de um limite espacial e disciplinar. Dessa maneira, com o projeto busca-se advogar pela arquitetura nas grandes escalas e também nas atividades ordinárias, como suporte ao camelódromo da Uruguaiana. Além do mais, tem-se a intenção de refletir sobre os conceitos apresentados que vão de encontro aos ideários levantados nas inquietações projetuais, de modo a interpretá-los e em determinados casos subvertê-los em favor de uma democratização do acesso ao projeto de arquitetura. Como exemplo de tal subversão, o conceito de congestão urbana, utilizado por Koolhaas, um neoliberal provocador, para interpretar Manhattan, aqui é utilizado para olhar com valor ao MPU e debater a ausência da arquitetura à serviço das classes trabalhadoras.

Com isso, fazer do projeto de arquitetura um elemento de reflexão e debate das condições socioespaciais dadas e buscar romper com um afastamento da prática da arquitetura as atividades populares como as do camelódromo. Além de ressaltar infraestruturas urbanas tais quais a estação de metrô como elementos a serem pensados em sua relação com a cidade real.

Metodologia

Nessa primeira etapa inicial de TFG da qual se elabora a materialização das inquietações teóricas e projetuais iniciais, toma-se a liberdade de encarar a escrita como um processo de criação não necessariamente linear, e que pode transpor uma ideia de ordem que traz consigo o ramo lógico da ciência que é a Metodologia. Nesse processo de criação, que também envolve o das escolhas dos recortes teóricos, além do desenvolvimento da literatura, se deu de forma complexa e caótica refletindo o território abordado e o projeto de arquitetura almejado. Tal anarquia se baseia nas teorias do livro *Contra o Método* 1975 de Paul Feyerabend:

Comecemos, portanto, com uma apresentação geral da metodologia anárquica e de uma correspondente ciência anárquica 12. Não há por que temer que a decrescente preocupação com lei e ordem na ciência e na sociedade — que é característica desse tipo de anarquismo — venha a conduzir ao caos. O sistema nervoso humano é demasiado bem organizado para que isso venha a ocorrer 13. Poderá, é claro, vir tempo em que se faça necessário conceder à razão uma vantagem temporária e que será avisado defender suas regras, afastando tudo o mais. Não creio, porém, que estejamos vivendo esse tempo.

É possível, naturalmente, simplificar o meio em que o cientista atua, através da simplificação de seus principais fatores. Afinal de contas, a história da ciência não consiste apenas de fatos e de conclusões retiradas dos fatos. Contém, a par disso, idéias, interpretações de fatos, problemas criados por interpretações conflitantes, erros, e assim por diante. Análise mais profunda mostra que a ciência não conhece 'fatos nus', pois os fatos de que tomamos conhecimento já são vistos sob certo ângulo, sendo, em consequência, essencialmente ideativos. Se assim é, a história da ciência será tão complexa, caótica, permeada de enganos e diversificada quanto o sejam as idéias que encerra; 20 e essas idéias, por sua vez, serão tão caóticas permeadas de enganos e diversificadas quanto as mentes dos que as inventaram. Inversamente, uma pequena lavagem cerebral muito fará no sentido de tornar a história da ciência mais insípida, mais simples, mais uniforme, mais 'objetiva' e mais facilmente acessível a tratamento por meio de regras imutáveis.

FEYERABEND Paul *Contra o Método* 1975

Porém, para o TFG, entende-se a necessidade de uma organização racional e linear do caos apresentado. Portanto, inicialmente buscou-se desenvolver reflexões das literaturas que atentaram o olhar do campo da arquitetura às situações ordinárias, porém essenciais da vida urbana. Além de vertentes que advogam pelo projeto de arquitetura mesmo em grande escala, ao discorrer a literatura, em paralelo, será identificado e analisado os projetos de arquitetura que materializaram as questões levantadas.

Para tal processo, visa-se a divisão do trabalho presente em três vertentes:

- 1- apresentação da questão
- 2- a lente teórica tomada para olhar o território
- 3- projeto arquitetônico provocativo

Dos quais não necessariamente foram sendo desenvolvidos de forma sequencial, mas em um movimento não linear de idas e vindas, como por exemplo a própria Questão sendo alimentada e transmutada ao mirar a literatura ou no ato de desenhar no território.

Na vertente de intervenção no espaço, o projeto que visa gerar um desenho de arquitetura, enquadrado como mat-building ¹ (**SMITHSONS** Alison 1972), que fomente a reflexão sobre o caos e a importância dos espaços ditos ordinários e de congestão para as dinâmicas da vida urbana. Aqui o mat-building é utilizado como meio, ou ferramenta, de operar em territórios de caos e complexos, ricos e congestão.

¹ **SMITHSONS Alison** "Cómo reconocer y leer un Mat-building" 1972

A questão

A Condição Metropolitana - MPU um Mercado popular sob o metrô

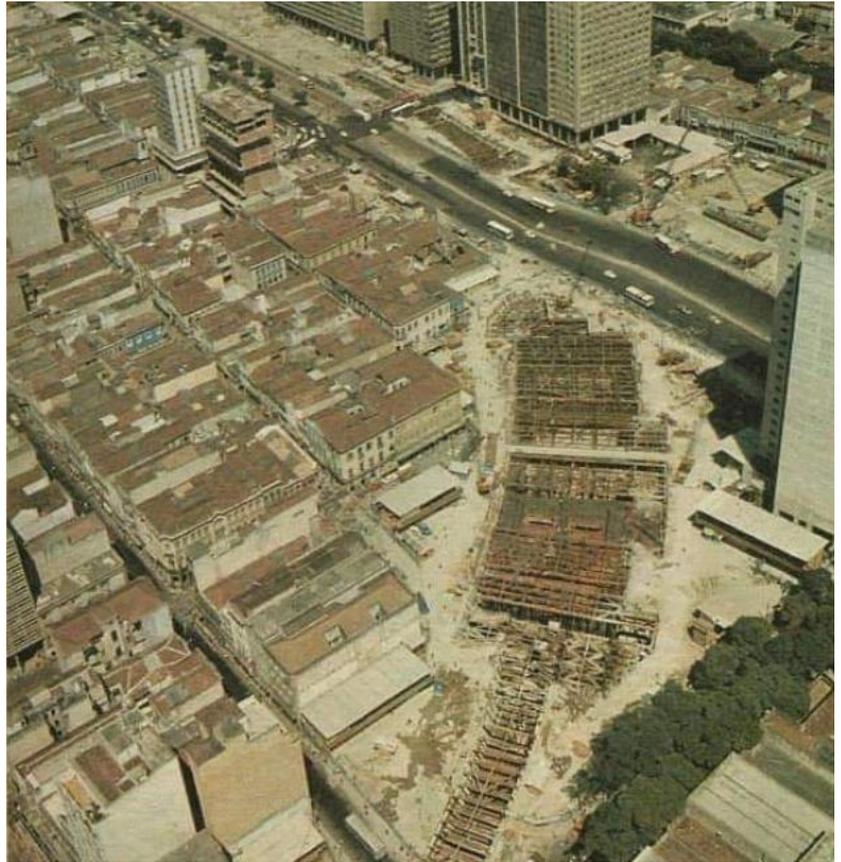
O mercado popular da Uruguaiana está situado entre a Av. Presidente Vargas e a rua Uruguaiana, importante polo comercial da cidade do Rio de Janeiro. O mercado, ou popularmente chamado camelódromo, se dá sobre o vazio urbano gerado pela passagem do metrô, obra datada da década de 70, da qual é derrubado uma série de casarões de estilo colonial e eclético para a chegada da atual estação Uruguaiana e a passagem das linhas 1 Laranja e 2 Verde. (fig.2)



(Fig.2) Av. Presidente Vargas e obras do metrô Uruguaiana

Acessado em: <https://diariodorio.com/histria-da-rua-uruguaiana/>

Com pesquisas relacionadas a conformação desse espaço verifica-se que na legislação urbanística do Rio de Janeiro, não se permite construção na projeção dos metrô, apenas a ocupação por sistema de espaço livre, como as diversas praças ou avenidas que ocupam as coberturas das estações na cidade. Exemplo: Saens Pena, Botafogo, Flamengo. Ou seja, nosso objeto de projeto nasce se aproveitando dessa brecha e instala-se neste vazio urbano no principal eixo econômico do Rio, Avenida Presidente Vargas, em 1994 inaugurada pelo prefeito César Maia numa região privilegiada de infraestrutura e suportando grandes fluxos de trabalhadores formais e informais como ambulantes, além de transeuntes, combustíveis essenciais ao consumo, gerando congestão urbana, conceito que investiremos neste trabalho.



(Fig.3) Av. Presidente Vargas e obras do metrô Uruguiana

Acessado em: <https://diariodorio.com/histria-da-rua-uruquaiana/>

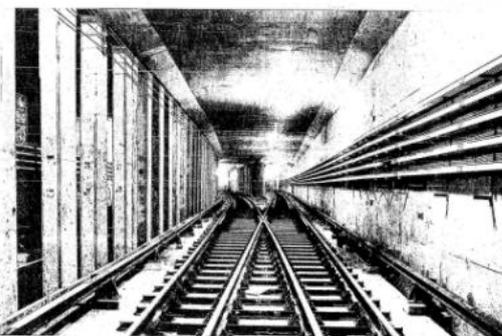
O GLOBO
CADENHO ESPECIAL
Segunda-Feira, 5 de Março de 1979



METRÔ

O trecho do metrô que o Presidente Getúlio inaugurará hoje — 5,1 km, entre a Glória e a Praça Caca — é resultado de quatro anos de esforço e vultosos investimentos.

Só em 78 foram aplicados na obra Cr\$ 7.318,1 milhões (este ano os gastos serão de Cr\$ 11.300 milhões). O metrô chega com 60 anos de atraso, mas, sob o Noel de Almeida, 60 anos mais moderno.



T **TECHINT**
1947-1979

Parabéns à **COMPANHIA DO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO** pela inauguração do primeiro trecho de linha e agradamos pela confiança na qualidade e competência do nosso trabalho.

O GLOBO
METRÔ

Metrô já liberou novas áreas de lazer para a população



E...

...o metrô já liberou novas áreas de lazer para a população. O trecho inaugurado hoje, entre a Glória e a Praça Caca, permitirá a circulação de milhares de pessoas, aliviando o congestionamento das ruas e criando novas áreas de lazer para a população.

...o metrô já liberou novas áreas de lazer para a população. O trecho inaugurado hoje, entre a Glória e a Praça Caca, permitirá a circulação de milhares de pessoas, aliviando o congestionamento das ruas e criando novas áreas de lazer para a população.



SABE POR QUE O METRÔ DO RIO DE JANEIRO TEM OS CARROS MAIS MODERNOS DO MUNDO?



ECCEL

Construtora das estruturas dos lotes 1, 2, 3 e 4 abrangendo o percurso da Praça 11 ao Largo da Carioca inclusive e empreiteira dos acabamentos das estações: Glória, Presidente Vargas, Centro do Brasil, Cidade Nova e do Centro de Controle Operacional, cumprimentando o Cia. do Metrô e a população do Rio de Janeiro na inauguração do 1º trecho do METRÔ.

A lente - Recorte teórico e temporal da mirada

Congestão Urbana -Nova interpretação ao caos

Neste capítulo será discorrido como a ideia de congestão urbana levantada por Rem Koolhaas possibilita uma subversão e apropriação para uma nova maneira de olhar o caos nas metrópoles. No projeto, por exemplo, o conceito é subvertido para advogar por uma interpretação das qualidades e potencialidades do mercado tal qual é. Também para alertar o distanciamento do campo da arquitetura às atividades que estão relacionadas à informalidade. **(KOOLHAAS, REM 1992)**

Recorte temporal

A fundamentação teórica deste projeto busca encontrar paralelos e possíveis apropriações de conceitos elaborados mais precisamente no pós-guerra. Deste modo os pensamentos arquitetônicos que possam atender, ou busquem compreender, as questões das complexidades da paisagem do qual está inserido o MPU. Regressando na linha do tempo, da teoria da arquitetura, às décadas de cisão dos arquitetos com o movimento moderno.

Para buscar os gênesis destes pensamentos, e entender seus contextos de aparição, nos deparamos nas produções de inquietações culturais da contracultura que se emerge na segunda metade do século XX, com o grupo de artistas, críticos e arquitetos ingleses do *The Independent Group* **I.G.** (1) que buscavam com a Pop Art uma aproximação das artes às culturas de massas, ditas populares.

Nota: The Independent Group (IG) were a radical group of young artists, writers and critics who met at the Institute of Contemporary Arts (ICA) in London in the 1950s, and challenged the dominant modernist (and as they saw it elitist) culture dominant at that time, in order to make it more inclusive of popular culture
acessado em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/i/independent-group> junho 2020

Afirma sobre tal olhar as culturas populares não eruditas, Lawrence Alloway integrante do grupo:

"As Alloway put it: 'movies, science fiction, advertising, pop music. We felt none of the dislike of commercial culture standard among most intellectuals, but accepted it as fact, discussed it in detail, and consumed it enthusiastically".
ALLOWAY Lawrence acessado em:
<https://www.tate.org.uk/art/art-terms/i/independent-group> junho 2020

Derivado do I.G. que lançam um olhar das artes às culturas populares, temos um outro grupo, agora de arquitetos, que veio a marcar a cultura arquitetônica no século passado, desembarcamos no Team X (fig. 1). Coletivo de arquitetos que sintetizam e

exploram o brutalismo arquitetônico e desse grupo destaca-se Alison Smithsons com seu texto "Cómo reconocer y leer un Mat-building" 1972 do qual lança o mat-building ao campo. As ações do grupo vão como contraponto às questões evidenciadas no consumo de massas abordadas por movimentos artísticos como o Pop Art, além de irem contrários à ideia de objetos arquitetônicos isolados, como de praxe nas arquiteturas modernas. O grupo Team X, também é responsável pela crítica e revisão do CIAM (2), dos quais viriam a influenciar as vertentes pós moderna das próximas décadas, sendo assim, trazem o debate da cultura do urbanismo a uma aproximação das ruas e tecidos existentes, criticando a abstração do projeto urbano moderno.

DPA Documents de Projectes d'Arquitectura UPC 2011

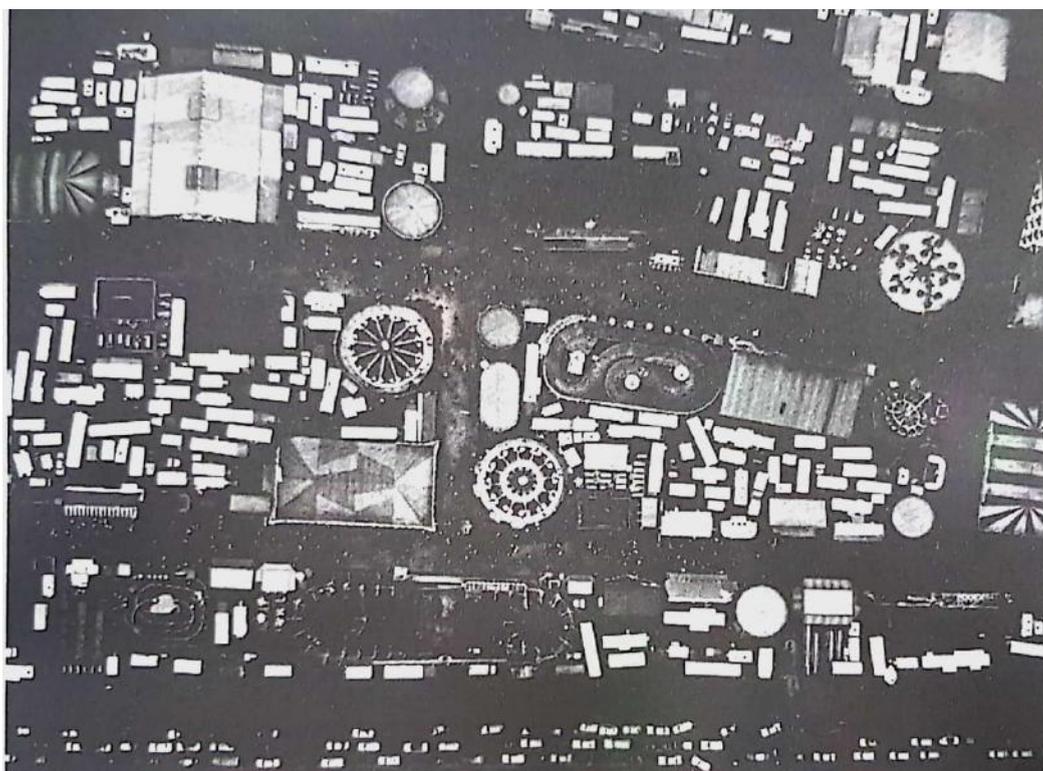


(fig1)Photographed for the 'This is Tomorrow' exhibition catalogue held at the Whitechapel Art Gallery, 1956

Nota: O grupo Team X ocupando uma rua em Londres com cadeiras em cena simbólica.

Os Smithsons trazem para a arquitetura, o holofote aos processos de construções do espaço arquitetônico que até então eram ignorados por boa parte dos arquitetos modernos, inclusive algum de seus mestres. Por exemplo, chamam atenção ao buscarem olhar para as cidades árabes como Cairo, Isfahan, Alepo e

ocupações urbanas como a festa popular em Cannstatter Wasen Stuttgart (fig. 2) entendendo que tais cidades e estruturas possuem em suas dinâmicas arquitetônicas gestos de extrema importância para os conceitos que desenvolvem, como interconexão, padrões de associação e possibilidades de crescer, diminuir e se transformar. De novo a questão de olhar para o ordinário e o corriqueiro como possibilidade de aspiração para o projeto arquitetônico.



Escaneado do livro DPA ETSAB -(fig. 2).fiesta popular en Cannstatter Wasen Stuttgart -
COLL Jaime Mat-Building DPA Documents de Projectes d'Arquitectura UPC

Para se debruçar sobre este projeto, nos deparamos com a necessidade de situar o olhar à cultura arquitetônica e urbana, num período de recorte da produção arquitetônica no mundo, que inaugura ou resgata uma nova maneira de ver e fazer arquitetura. Projetos como Smithson High School, Hunstanton, Norfolk 1954 (1) nos

ajudam a treinar a mirada para uma certa atenção aos edifícios que até então eram ignorados, como galpões industriais, as arquiteturas do ferro, sacar proveito das culturas ditas populares e dos edifícios ditos *ordinários* (2) (WALKER ENRIQUE 2010). Um novo olhar ao valor do cotidiano desprovido de um purismo “eugenismo predial” do arquiteto moderno.



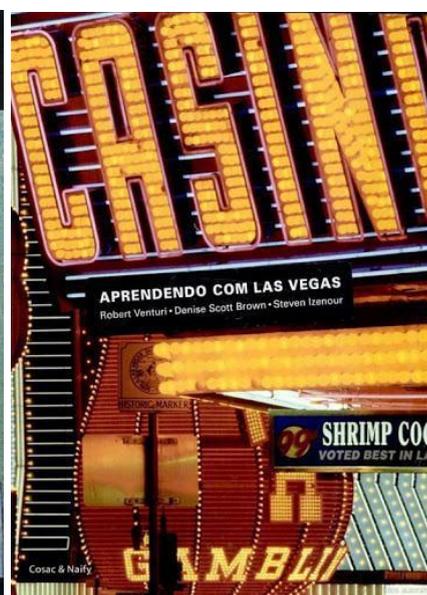
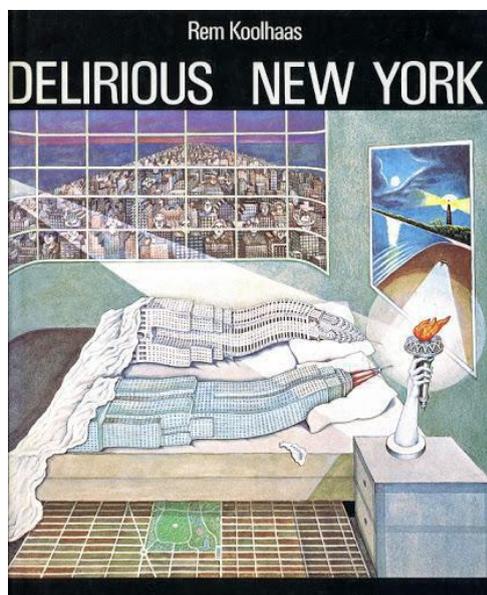
¹Acessado em: <https://alchetron.com/Alison-and-Peter-Smithson>

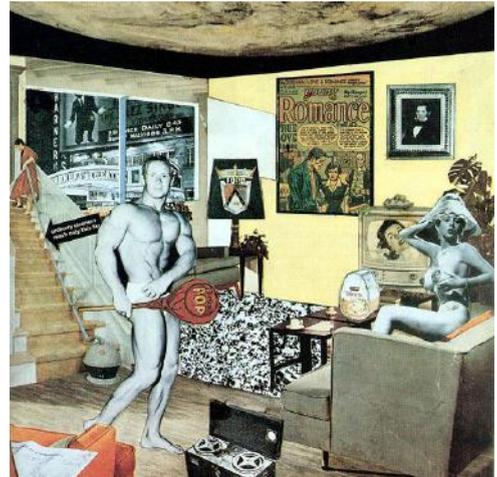
Posto o ensaio da cisão no próprio movimento moderno dito tardio, como o brutalismo. Podemos nos situar agora no tempo de ensaio claro e decisivo de uma ruptura ao moderno, estamos mirando a produção crítica, dita de uma das vertentes pós moderna, que tem seu marco em *Aprendendo com Las Vegas* (1972) de Denise Scott Brown, Robert Venturi e Steven Izenour e posteriormente confirmado em *Nova Iorque Delirante* (1978) de Rem Koolhaas, duas obras que se tornaram um clássico e

guiaram vertentes do pensamento arquitetônico na segunda metade do século XX.

(desenvolver mais)

(2) Nota: Sobre o ordinário Ver Canal do youtube FAU USP- O Prof. **Guilherme Wisnik** recebe o arquiteto argentino **Enrique Walker**, professor na Columbia University GSAPP em Nova York e autor de "Lo ordinario"(Gustavo Gili, 2010)

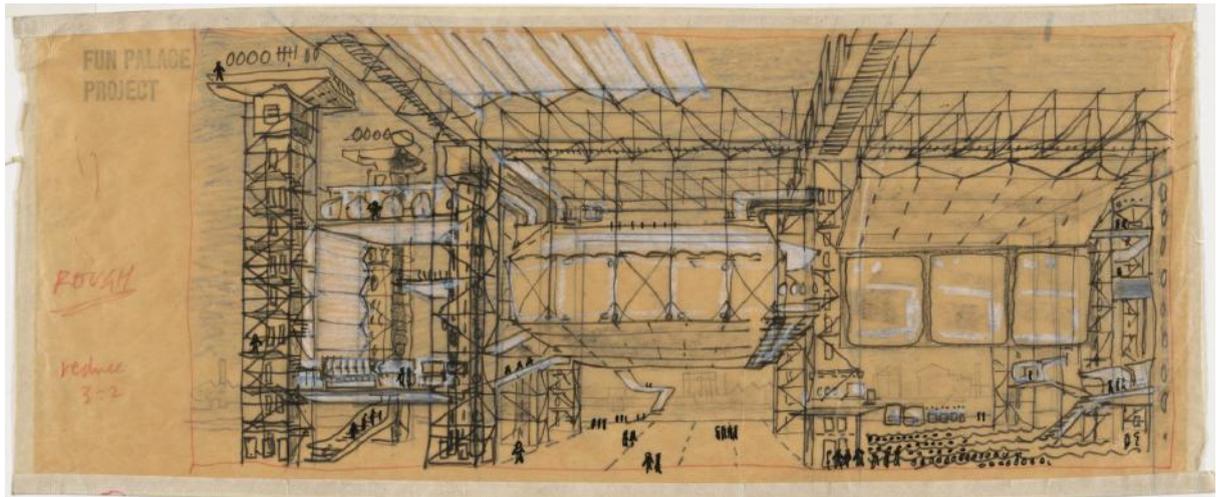




This is tomorrow - independent group

Projeto arquitetônico de provocação

Contemporâneo aos Smithsons, Cedric Price elabora um projeto provocativo do campo da arquitetura, o Fun Palace, que se enquadrando nas obras arquitetônicas aqui elencadas, se aproximam do conceito de "mat-building" reforçando a possibilidade de expansão e retração, maleáveis e adaptativas ao trabalho informal. Além do mais pode se destacar uma possibilidade, de uma certa autonomia do usuário na conformação desses espaços.



(fig.) Acessado em: <https://www.moma.org/collection/works/842>

Para projetar o mercado, também estudará projetos provocativos a uma certa ordem purista, estática e anti-caos. Entendemos o Fun palace como projeto e vanguardista e utópico (Fig.4)

"Sua forma e estrutura, assemelha-se a um grande estaleiro em que os espaços, tais como teatros, cinemas, restaurantes, oficinas, áreas de rally, podem ser montados, movidos, rearranjados e desfeitos continuamente"
PRICE, C. Re: CP. Birkhauser, 2002"



(Fig.4) Fun Palace: Interior Perspective , 1964
Cedric Price © Canadian Centre for Architecture, Montreal
Acessado em:<https://waysofcurating.withgoogle.com/> julho, 2020

O projeto ficou no campo utópico, porém marcou os gestos de uma nova atenção à arquitetura ao não programado, influenciando arquitetos como Renzo Piano e Richard Rogers.

Neste capítulo será discutido sobre o Fun Palace como importante projeto que chamou atenção para a possibilidade de pensar uma arquitetura não programática, portanto mais próximas das dinâmicas das cidades reais.

Arquiteturas propícias ao Caos

No ensaio de teorizar sobre possíveis arquiteturas do caos, miramos o caso de um projeto recente do OMA, que abriga uma pretensão semelhante ao que busca no projeto do mercado. Unir trabalho formal e informal, como já acontece nas grandes cidades, porém agora com a arquitetura como suporte e dentro de um edifício. Neste projeto estudado, há uma série de terraços que formam um vale, ou mais precisamente um vazio edificado de trabalhos informais, no perímetro das salas de oficinas da Axel Springer. Destaca-se um esforço coletivo e complexo de mesclar os modos de trabalho para tirar proveito da ebulição de ideias de distintas maneiras de trabalhar. O novo edifício do OMA em Berlin tem no seu interior a potência e a possibilidade de gerar situações variáveis, e de multiplicar-se ou retrair-se em si. Assim podemos, considerar uma possível leitura de um edifício Mat-Building, enquadrando-o no conceito, dado seu caráter de "interioridade" destacada por Roger Such em seu artigo sobre o conceito dos Smithsons, que discorreremos posteriormente. Além da constante possibilidade de transformação do espaço, o que reforça a hipótese aqui levantada de mat-building.



Axel Springer Acessado em: <https://inhabitat.com/oma> Julho 2020

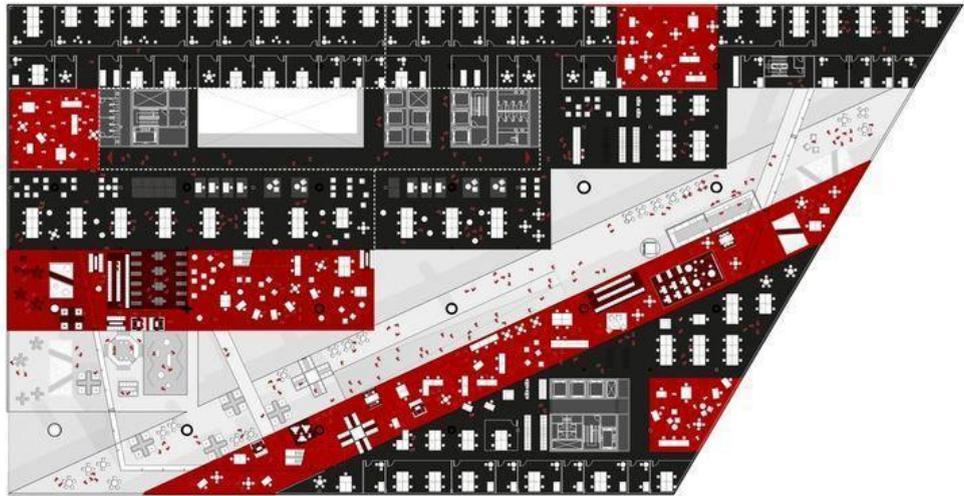
Para compreender as intenções do OMA neste projeto, e como é trabalhado as percepções do lugar, recorreremos à análise do arquiteto teórico e crítico Josep Montaner (2007) sobre a obra do holandês:

" O lugar é interpretado como um encontro de fluxos e de acontecimentos, como um espaço de transformações e de metamorfoses geradas por todos os tipos de energia: eletricidade, informações, tráfego, eventos. O caos, tal como propunha Nietzsche, converte-se em fontes de criação e beleza."

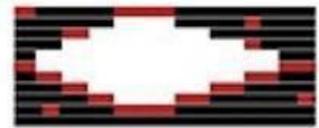
MARIA MONTANER, Josep. Arquitetura e Crítica. Barcelona: Gustavo Gili. 2007 pág. 133

Nos desenhos abaixo, pode-se destacar o desejo de tal articulação projetual para que do caos e da complexidade se tire situações espaciais de extremo interesse na arquitetura. Em vermelho são os espaços de trabalho informal, em preto os escritórios fixos de trabalho formal da empresa de tecnologia.

Plan



Formal / Informal



Formal Office
75%
(25 728 = 2)

Informal Office
25%
(8 578 = 2)



Le Corbusier: 2 em 1 - o mat-building e o anti mat-building

A figura de Le Corbusier aqui, primeiramente citada para situá-lo como um arquiteto de traçados anti - caos, com seus projetos plano de Paris (fig.1) e *Sant -Diè*, de monobloco rígido, higienista, regulador de uma ordem, e que desconsidera todos os processos de acumulação de palimpsestos da cidade. Agora é trazido novamente, com uma outra face, de um sujeito que foi capaz de considerar tais questões levantadas sobre a importância do acaso e do caos e da consideração da cidade e paisagem real (**JÁUREGUI, JORGE**). Aqui consideramos o personagem como multifacetário e de difícil enquadramento. Mais precisamente falamos da sua obra do Hospital de Veneza 1962 -1965, um exemplo ímpar de mat-building", vindo de um arquiteto mestre de muitos outros edifícios objetos, anti- *mat-buildings*.

Vamos aos exemplos.

Hospital de Veneza como mat-building, considerando possibilidades de crescimento, decrescimento, fluidez e interconexão com o tecido de Veneza.

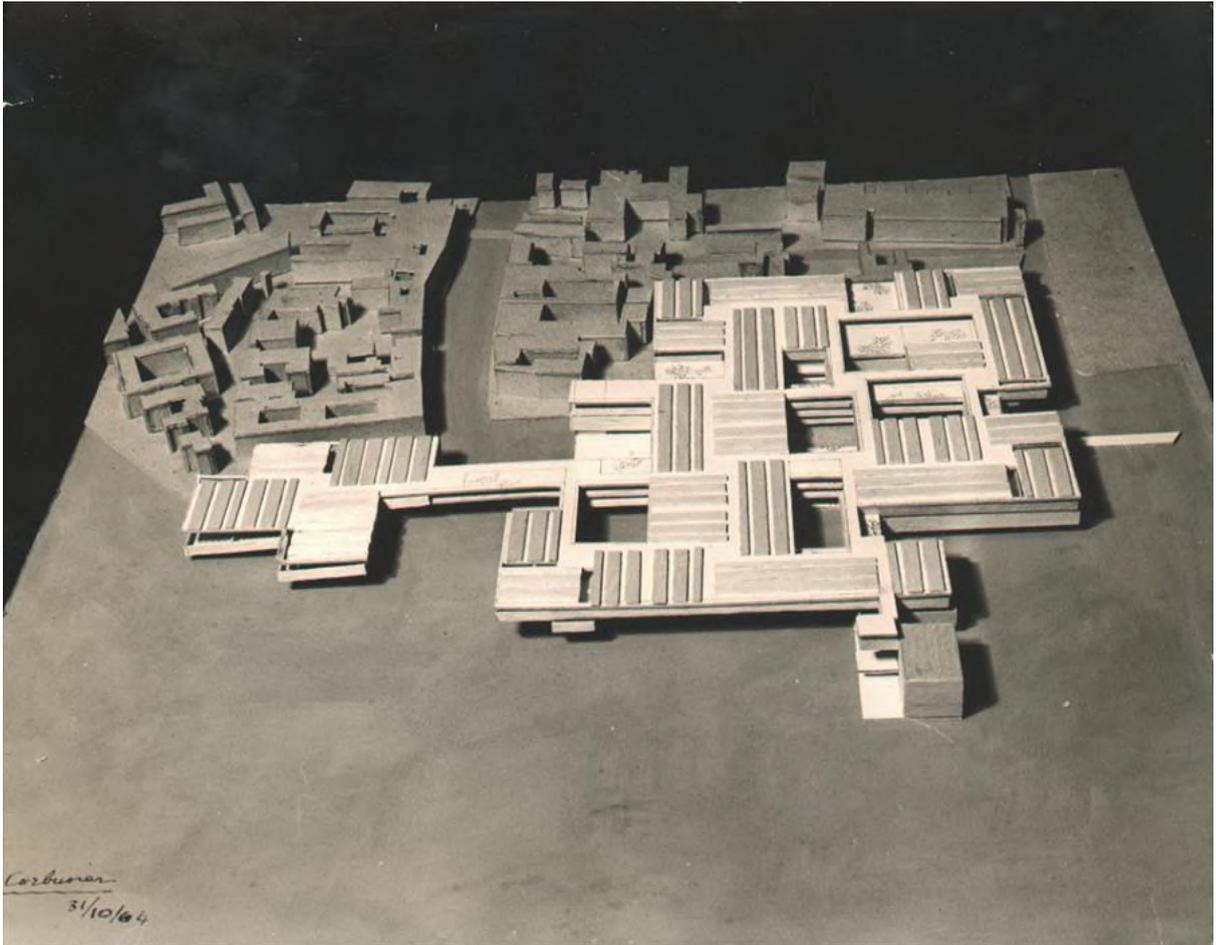


Fig 2 Extract from Le Corbusier, *Oeuvre complète*, volume 7, 1957-1965

Acessado em <http://www.fondationlecorbusier.fr/>

“Le Corbusier dejó de pensar en objetos, y en el proyecto para el Hospital de Venecia de 1964-65 ensayó magistralmente un sistema arquitectónico en forma de tapiz, que surge de la superposición en tres niveles y que se basaba en un modelo de habitación con iluminación central y una trama de accesos verticales, corredores y patios articulada a partir de una figura geométrica repetitiva, con la idea de crecimiento ilimitado. El proyecto para el hospital es la síntesis de la composición neoplástica y abstracta y de la lógica orgánica y helicoidal del caracol, una de las formas naturales que más le fascinaba.”

(1) **JÁUREGUI, Jorge M** acessado em http://www.jauregui.arq.br/miscelaneas_matbuildings.html

Definimos a versão de Le Corbusier como anti mat-building:



Fig. 1 Le Corbusier's Plan Voisin for Paris. Le Corbusier, from *Urbanisme* (Paris, 1922).
acessado em: <https://failedarchitecture.com/le-corbusiers-visions-for-fascist-addis-ababa/> Julho 2020



Filme: *Two or Three Things I Know About Her* (1967) might be Jean Luc Godard Acessado em:
<https://frame.land/godards-ulysses/>

Nota: Filme de Jean Godard que critica a monotonia dos blocos de habitação no subúrbio de Paris,
resquícios do urbanismo moderno no urbanismo parisiense.

O Projeto de arquitetura

O quê? Arquitetura que transpõe o limite do edificado e busca dissolver-se na paisagem metropolitana

Um edifício que transpõe o limite usual, se enquadrando na grande escala, metrô e mercado popular, devidamente integrados, que contenha uma ficção urbana científica de uma Arquitetura da Cidade - seja ela utópica ou não, que transpareça em seu desenho uma Arquitetura metropolitana, que não visa moldar o caos, mas tirar proveito de seus valores de ebulição.

Para aproveitar tais fatores o mercado popular se conforma com sistemas edificadores e espaciais que abrangem a complexidade do território dito, abrigando o comércio dos camelôs, mas também dos comerciantes nômades que utilizam de pequenas estruturas, como carrinhos, grades e tecidos para ser a superfície de exposição de seus produtos.

Uma das principais preocupações dos gestos projetuais é articular os fluxos e possibilitar que as infinidades de ocasiões se sucedem numa arquitetura que tem a pretensão de abrigar a *mise en scène* do caos urbano carioca. Fazer evidente a relação

do Metrô com o Mercado em saídas nítidas que levam os passageiros a percursos relacionados às disposições dos boxes pequenos e das lojas de maior porte.

Com isso, evidenciando os acessos e gerando um novo, e principal acesso ao vazio central do mercado, busca-se trazer as forças existentes no metrô e do comércio já consolidado da uruguaiana em uma nova arquitetura que dê qualidade e assistência aos acontecimentos, já ricos de dinâmica socioespacial, que se sucedem neste território.

Olhando para a cidade do Rio de Janeiro, há exemplos exitosos de edifícios que contêm tal cena almejada no projeto, em diferentes tipos, escalas e intensidades, como Edifício central Henrique Medlin e edifício Marquês do Herval MMM que trazem para si os fluxos e movimentos do território, e uma certa possibilidade de atração do caos e agitação da rua para a edificação..

Como? *Mat-Building* como ferramenta de operar no caos e na complexidade

Projetar um vazio arquitetônico na superfície do metrô, para atividades fluidas e nas periferias desse vazio as atividades e lojas fixas do mercado popular, integrado com sistemas edificados de suporte às práticas do comércio que ganham força e público com os acessos do metrô. Uma arquitetura metropolitana de suporte ao caos vigente e proveniente dos fluxos de deslocamento de massas pela metrópole e do consumo. Neste sentido, o projeto se apoia em uma das vertentes do conceito de *Mat-Building* de Alison e Peter Smithson para atingir a pretensão de um edifício

Cidade, maleável e não programático que compreenda as dinâmicas complexas de transformação da cidade.

"El concepto de mat-building nos permite pensar la arquitectura y la ciudad desde una idea de interioridad. Como un interior potencialmente infinito que incorpora en su matriz genética la idea de crecimiento, disminución y cambio. Y, por tanto, incorpora el tiempo a su forma. Precisamente por ello su aspecto externo no es relevante, pues es entendido como un cerramiento provisional hasta que el mat-building redefina su perímetro"

SUCH Roge. *Leer un mat-building Una aproximación al pensamiento de los Smithson*;r DPA Documents de Projectes d'Arquitectura UPC

Se apropriando da ideia de um edifício "esteira" ou "tramo" propõe-se uma cobertura de treliça espacial, que seja capaz de abrigar as múltiplas atividades do novo mercado popular, além de novos usos que serão propostos, como possíveis departamentos do Detran. (Na intenção de unir as atividades de comércio popular a um serviço cívico e de transporte metropolitano). Tal treliça pode crescer ou se retrair de acordo com a temporalidade do edifício e seus diversos usos.

Sobre a distribuição espacial nos 3 pavimentos propostos, nos superiores são dispostos lojas de grande porte, no térreo juntamente com os boxes de lojas menores dos comerciantes locais, são dispostos uma série de elementos de suporte ao comércio do MPU, pontos informativos, banheiros, áreas administrativa para a associação de comerciantes locais, além de pequenos palcos que possam receber alguma intervenção artística de rua. As espacialidades estarão em torno de um vazio central, conformado por algumas passagens do qual o edifício descompacto e maleável estará disposto. Com escadas rolantes que tendem a plataformas periféricas do vazio central, levando os fluxos do metrô e da Presidente Vargas para serem condensados para as lojas e boxes, em uma tentativa de aumento e absorção da congestão existente.

Novamente reforçando o *mat-building* como ferramenta projetual para se operar no caos e aproximar-se de uma arquitetura não programática, que almeja a liberdade e a possibilidade de receber múltiplas situações.

Por quê? - A Uruguaiana: Um ninho de vespas e um imã de pessoas

As ideias eugenistas e puristas pairam sobre as práticas urbanas e arquitetônicas nas cidades brasileiras, as atividades informais e populares são vistas com maus olhos pelos incorporadores e administradores. Se arranca um mercado popular na região central do Rio de Janeiro para se passar uma perimetral. Em São Paulo, a feira popular nordestina é substituída por uma praça seca com alguns arbustos no Largo da Batata, no bairro de Pinheiros. A Uruguaiana e o Saara apresentam todos os aspectos dos dois casos citados acima, é um espaço popular, democrático e ordinário essencial à cidade, porém negligenciado em uma brutal falta de infraestrutura para essas atividades. Por isso podem ser novas vítimas urbanas do eugenismo dos espaços públicos puristas. E a arquitetura como disciplina sempre esteve a quem de se debruçar sobre esses espaços. Aqui se busca reafirmar que a disciplina também pode oferecer suporte e qualidade para as atividades ditas ordinárias, porém, não menos essenciais.

A cidade atrai para si tudo que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e

situações. (...) Ela centraliza as criações. (...) Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. (Lefebvre, 2008, p.109)

Dessa maneira o projeto chama atenção a uma nova mirada ao real e pulsante movimento dos camelódromos e dos mercados populares como espaços dos quais a arquitetura dita erudita poderá aprender e tirar diretrizes projetuais. Além de agregar qualidade na vida dos trabalhadores e usuários destes espaços primordiais da vida na urbe.

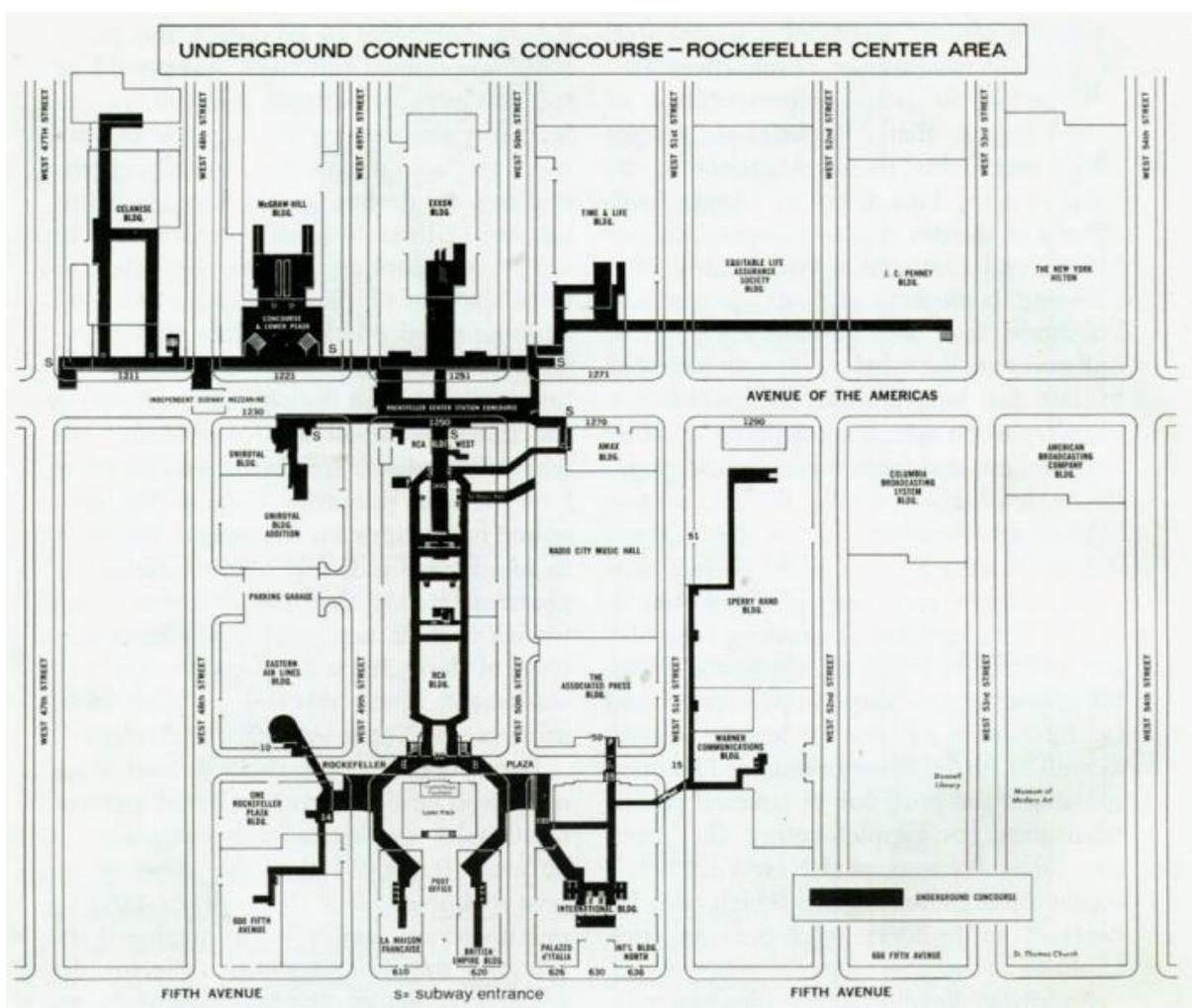
“La ciudad no es un árbol, no es un esquema congelado subordinado, sino que por su condición de complejidad es un entramado, un lugar de infinitas posibilidades donde la base de lo urbano es el marco para la acción metropolitana. Sugerir y permitir son las estrategias urbanas que debemos plantear. El fracaso del urbanismo funcionalista nos tiene que alumbrar el camino hacia un nuevo concepto metropolitano.”

VIDAL Jorge Mat-city Plan de Kenzo Tange para un mundo flotante. DPA Documents de Projectes d'Arquitectura UPC

Na busca da compreensão das potencialidades do caos e da congestão, nos debruçamos sobre a obra de Koolhaas (1978). Em seu manifesto retroativo para New York, levamos a mirada para as efervescências geradas pela conformação urbana de New York, território de experiências intensas nas transformações urbanas, e conformações de espaços virtuais a partir de uma cultura metropolitana. A exemplo, as extensões subterrâneas do Rockefeller Center para metrô e galerias, mas também a própria anarquia gerada nas infinitas possibilidades verticais lançadas nos lotes regulares. (Fig.3)

Contextualizando, essa obra como suporte a leitura de certa cultura urbana, busca-se entender o caráter metropolitano da Uruguaiana com a Presidente Vargas, nesse caso se faz necessário tomar partido sobre as questões que dizem respeito às ebulições

humanas vigentes levantadas pelo autor. "Suspender a pressão urbana ou propor sua intensificação?"² Refletindo sobre tal indagação, que dizem respeito às ebulições humanas levantadas pelo autor de, "suspender a pressão urbana ou propor sua intensificação?"² . Refletindo sobre a pergunta feita por Koolhaas é respondida neste projeto. Na ocasião, busca-se a total intensificação da pressão urbana, provinda do metrô e dos atrativos do mercado da Uruguiana e Saara .



(Fig.3) Acessado em:

<http://www.youngwizards.com/ErrantryWikiOld/index.php/File:RockefellerCenterUndergroundPassages.jpg>

Setembro 2020

Conclusões e aberturas

É possível destacar alguns possíveis caminhos. São eles:

A reafirmação da hipótese de que o que o "mat-building", além de dizer a respeito a um partido arquitetônico, é um conceito que principalmente pode ser lido, na perspectiva do retorno da cidade real ⁽¹⁾ (MARTÍ CARLES, BARDI BERTA 2011) para as questões do campo de projeto de arquitetura. Sendo ele uma resposta ao hiato produzido, nesse quesito, por vertentes da arquitetura e urbanismo modernos. Entretanto, um conceito que não necessariamente rompe com os ideais de modernidades ligados aos processos construtivos, mas sim ataca a gênese da abstração do espaço moderno alheio ao real e cotidiano dos tecidos urbanos. De tal maneira a dissolver o objeto arquitetônico, antes autônomo e isolado, em cidade, que cresce ou diminui, se transforma, por processos mais complexos que propriamente a ideia de objeto arquitetônico solitário possa compreender.

*"Todo lo que caracteriza los **mat- building** (continuidad, superposición, anonimato, etc.) lo encontramos también en la realidad de los principales tejidos urbanos históricos. La idea de mat-building representa pues, en cierta medida, el retorno a la ciudad, tras esa peculiar travesía, del desierto que, para la arquitectura, constituyó de la vanguardia"*

MARTI Carles, BARDI Berta 2011 Antecedentes históricos del mat-building. Cinco ejemplos - **DPA UPC y los autores de los textos. MAT-BUILDING.** Universitat Politècnica de Catalunya: Revista Documents de Projectes d'Arquitectura

Ademais, uma segunda possível conclusão sobre o território que o mat-building do projeto do mercado popular está inserido, se dá pelo âmbito de que podemos compartilhar a reflexão de Koolhaas sobre a relação caos x arquitetura, da qual o autor coloca o caos como algo inalcançável no projeto. Porém, aqui acrescentamos a necessidade de mirá-lo e o esforço considerável de compreendê-lo e incorporá-lo no projeto de arquitetura. No qual se torna um vetor de extremo interesse e riqueza quando a arquitetura abriga suas diversas possibilidades.

Já sobre as apropriações de conceitos de Koolhaas, pode-se concluir que a importância de sua contribuição intelectual para o campo, perpassa por uma filtragem das muitas faces que o arquiteto holandês exibiu durante sua extensa carreira. Aqui nos desprendemos e descartamos a figura do “star architecture”, nos interessa precisamente o sujeito que aposta no projeto de arquitetura na XL, a Bigness ou hiper arquitetura, como uma possibilidade de reativar uma agenda coletiva da vida urbana.

[“Koolhaas defende que” numa paisagem de desordem, desmontagem, dissociação, desresponsabilização, a atração do Bigness está no seu potencial de reconstruir o Todo, ressuscitar o Real, reinventar o coletivo, reivindicar a possibilidade máxima]

KOOLHAAS Apud COLOSSO, in Rem Koolhaas nas metrópoles delirantes



COLAGEM - produzida após reflexão teórica - Mil faces Rem Koolhaas

Por fim, uma conclusão que se deu pela prática do exercício projetual e pelas leituras acerca do projeto de arquitetura nas grandes escalas é que o Bigness, a "XL", em nosso estudo de caso o Extra GG, é uma escala que sim, deve-se ser atacada pelo campo do projeto de arquitetura, porém se faz imprescindível que seja um projeto coletivo, no sentido de que não se faz sozinho, precede uma equipe extensa de profissionais de arquitetura e grupos da sociedade civil, além de extenso diálogo e contato com os usuários e trabalhadores desse território, contato este que, nesse trabalho foi dificultado por estarmos diante da pandemia mundial do covid-19, e que foi reduzido em algumas derivas e um constante exercício de retorno à memória afetiva dessa paisagem que despertou interesse de um aluno periférico de São Paulo que se aventurou em terras cariocas, constato que o Mercado Popular e o Saara é uma paisagem familiar as pessoas da periferia, me atraiu pela riqueza de vitalidade e

de gente que apesar das dificuldades e precariedades impostas por um Estado excludente se propõe a ser os verdadeiros fomentadores de uma vida urbana.

Sem mais delongas, entende-se que a quantidade de questões levantadas no decorrer do desenvolvimento do trabalho entre as orientações e críticas da bancas, foram de extrema importância e riqueza, além de uma infinidade de possibilidades de aprofundamento, que este trabalho tem consciência da impossibilidade de fechar tamanhas as questões. Nesse sentido se faz necessário entender as limitações científicas dessa pesquisa acerca do caos nas metrópoles. Entendendo a necessidade de continuar se questionando, os motivos do projeto de arquitetura chegar em determinados territórios e outros não, e que esse trabalho se limita precisamente em provocar reflexão ao campo e principalmente debater Arquitetura, passando por uma vontade de democratização do acesso do projeto, e que nossa prática se faça popular, não se limite a elite *burguesa - bossa nova*, mas que seja acessível e contemple os verdadeiros grupos que tocam esse país. Os trabalhadores.

Bibliografia

Cadernos

DPA UPC y los autores de los textos. *MAT-BUILDING*. Universitat Politècnica de Catalunya: Revista Documents de Projectes d'Arquitectura

PPA Proyecto Progreso Arquitectura y los autores de los textos - GRAN ESCALA vol. 10 - Universidad de Sevilla 2014

Livros

COLOSSO, Paolo - Rem Koolhaas nas metrópoles delirantes: entre a Bigness e o big business 2015

CORBUSIER, Le. *Precisões . Sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. Coleção Face Norte, volume 06. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LASSANCE; VARELLA; CAPILLÉ, - Rio metropolitano

KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, Rem em entrevista a **ZAERA-POLO, Alejandro**. *Arquitetura em diálogo: Alejandro Zaera-Polo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. page.17 até 48.

MARIA MONTANER, Josep. *Arquitetura e Crítica*. Barcelona: Gustavo Gili. 2007

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1998.

WISNIK, Guilherme, *Dentro do Nevoeiro*, ed São Paulo: 2018

ZONNO DO VALLE, Fabiola. *Lugares Complexos, poéticas da complexidade – entre arte, arquitetura e paisagem*. Rio de Janeiro : FGV, 2014.

Teses

CARNEIRO BARBOSA, Ana Clara. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A INFORMALIDADE NO RIO DE JANEIRO: O CAMELÓDROMO DA RUA URUGUAIANA

COSTA MOREIRA Clarissa Metrópole biopolítica: quando Negri lê Koolhaas.

Artigos

Melvin, J. Cedric Price. Hugely creative architect ahead of his time in promoting themes of lifelong learning and brownfield regeneration. **The Guardian**. Reino Unido: Friday August 15, 2003. Disponível em: <<http://society.guardian.co.uk/urbandesign/story/0,11200,1019359,00.html>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

Entrevista em vídeo

Canal do youtube FAU USP- O Prof. **Guilherme Wisnik** recebe o arquiteto **Enrique Walker**, professor na Columbia University GSAPP em Nova York e autor de "Lo ordinario"(Gustavo Gili, 2010).

Websites

<http://www.team10online.org/>

Apêndice

Antigo mercado popular e o que sobrou, atual restaurante Albamar: Um Mat-building resiliente ao tempo e ao eugenismo.

Será estudado em paralelo ao desenvolvimento do projeto, alguns processos de desconfiguração de espaços do caos, conceito aqui apresentado para descrever espaços que abrigam ou abrigaram uma complexidade e congestão na vida urbana

das nossas cidades. Os exemplos são a demolição do mercado popular do Rio de Janeiro e o projeto de “requalificação” do Largo da Batata em São Paulo.

antigo mercado popular do rio (desenvolver) [mat building?](#)



acessado em <https://www.caurj.gov.br/a-construcao-da-historia-do-rio-de-janeiro-a-partir-de-sua-arquitetura/> 07 de junho 2020

Nota: Antigo mercado popular do Rio demolido para passar a perimetral, restou uma torre convertida em restaurante Albamar, aqui se levanta a hipótese de enquadramento no conceito de mat-building, pela retração causada pela política rodoviária e higienista por se tratar de um mercado popular, destaca-se o poder de resiliência da edificação, em exemplar da arquitetura do ferro da exposição universal 1922)

TESE DIEGO PORTAS - PARTE SOBRE RIO METROPOLITANO E O INDETERMINADO

(1) *Hibridez Programática (categoria comentada) Avaliação RM: Monofuncional (0) – Multifuncional (1) – Mutualista (2)* O RM formula o seu primeiro critério das “condições metropolitanas” a partir de uma qualidade que critica duramente uma atitude presente em muitas das construções de nossas cidades: a que insiste em apenas propor uma resposta exclusiva ao programa, a uma “monofunção”, a uma única demanda relacional. Exemplos abundam: viadutos projetados apenas para o traslado de veículos; linhas férreas entre muros, somente para conduzir trens; estações de trem ou ônibus exclusivamente dedicadas ao acesso dos passageiros; garagens apenas para depositar veículos; edifícios inteiros somente para residências, etc. O Rio Metropolitano, por oposição, define um conceito que combate o aspecto do monoprograma, nomeando-o “hibridez programática”, apoiando-se, para isso, em uma distinção qualitativa que estabelece dois valores distintos e positivos como antídoto ao 39 RODRÍGUEZ, 2016, p. 25. 40 ALLEN, 1996/2013, p. 96. 41 Id., *ibid.*, p. 93. 149 abandono que as cidades sofrem.

O guia encontra, a partir do conceito de intensificação da nova complexidade urbana, o primeiro dispositivo capaz de operar crítica e projetualmente para o desenvolvimento de uma cidade que abandona a noção de totalidade acabada. Apoiado nos estudos do Team 10, grupo dissidente dos CIAMs, do final da década de 1950, que confrontaram o desafio de prosseguir as investigações que incorporassem os avanços tecnológicos e tipológicos para a reconstrução das cidades europeias, o Rio Metropolitano desemboca na ideia de um sistema flexível e aberto, condensado no conceito de *mat-building* ou, literalmente, *edifício-tapete*. Este é apresentado numa publicação da revista *Architectural Design*, em 1974, assinado por Alison e Peter Smithson, e reúne uma série de projetos que exemplificam a “arquitetura como sistema e não como forma final [que] permite reconhecer a natureza indeterminada dos processos de produção anônima da cidade”⁷⁴. Desse modo, o *edifício-tapete*, conceito e projeto ideais ao mesmo tempo, configura esse primeiro e poderoso dispositivo na busca por uma qualidade metropolitana que será chamada e reivindicada pelo guia de “artificialidade do sítio”. Como afirma o guia, numa nova provocação à marca autoral, nesse contexto de “tapete aberto, coletivo e impessoal a arquitetura assume uma condição eminentemente inacabada e entrosada com realidade pré-existente contrariando à lógica do objeto autônomo, isolado, comandado pela marca visual do seu autor e ingenuamente determinado pela função que lhe foi atribuída em sua origem”.

72 LASSANCE; VARELLA; CAPILLÉ, *op. cit.*, p. 56